

***Characteristica Universalis* e Transcendental Impuro. Apontamentos sob a forma de um testemunho**

por

Olga Pombo

“A luz do dia dá mais a pensar
do que as trevas. E aquece mais”
F. Gil, *Acentos*, p. 66

O título que proponho remete para dois momentos importantes do efeito de Fernando Gil sobre o meu trabalho em filosofia: uma tese de mestrado sobre a *Characteristica Universalis* defendida em 1986 de que Fernando Gil foi orientador¹, e uma tese de doutoramento sobre a Unidade da Ciência defendida em 1998² de que o Fernando Gil foi inspiração. Entre esses dois momentos, outros livros³ são, eles também, ecos de uma espécie de *efeito à distancia* que Fernando Gil exerceu sobre esta sua aluna. Efeito à distancia porquê? Porque, tendo sido sua aluna entre 1981 e 1986, não fui depois disso sua assistente, não fui sua doutoranda, não participei em colóquios nem publiquei em revistas ou livros colectivos por si organizados. A homenagem que aqui lhe presto não pode por isso senão sair reforçada.

1. Em primeiro lugar, **uma certa afinidade de pensamento**. Tudo o que Fernando Gil escreveu vem afectado para mim de uma amável familiaridade. Sempre me senti próxima da grande família filosófica a que Fernando Gil pertencia e que, a meu ver, se define por um ilustre antepassado comum (Leibniz) e três traços, digamos, fisionómicos fundamentais: simplicidade como estilo, verdade como imperativo, harmonia como princípio de constituição.

¹ Publicada em língua inglesa em 1987 *Leibniz and the Problem of a Universal Language*, Münster: Nodus Publikationen e editada em versão portuguesa em 1997 *Leibniz e o Problema de uma Língua Universal*, Lisboa: JNICT, 320 pp.

² Parcialmente publicada em 2006 sob o título *Unidade da Ciência. Programas, Figuras e Metáforas*, Lisboa: Duarte Reis, 324 pp.

³ *A Escola, a Recta e o Círculo*, Lisboa: Relógio d'Água, 2002, 316 pp., *Interdisciplinaridade: Ambições e Limites*, Lisboa: Relógio d'Água, 2004, 203 pp., e *Enciclopédia e Hipertexto*, co-edição com António Guerreiro e António Franco Alexandre, Lisboa: Editora Duarte Reis, 2006, 556 pp. É ainda necessário incluir dois outros volumes a publicar em breve: *Círculos do Saber* e *Estudos sobre Leibniz* (no prelo)

Simplicidade como estilo. Cito *Acentos*: “os livros que não sinto serem sustentados por um esforço constante para a simplicidade caem-me das mãos” (...) “a complicação, a afectação, o pesadume mascaram deficits de inteligibilidade” (p.15). E mais adiante: “desejaria ser capaz de tratar os problemas teóricos de maneira extremamente simples e o menos técnica possível” (p. 16). Fernando Gil foi um brilhante escritor de filosofia. Alguém que aliava a simplicidade à clareza, a precisão à elegância. E que, na linha das indicações de Leibniz a Nizolius sobre o estilo filosófico, lutava pela capacidade de tudo dizer com palavras simples e comuns.⁴ Um combate que também eu, com um sucesso infinitamente menor, tenho perseguido.

Verdade como imperativo. Distância face a todos os relativismos, a todos os cepticismos, nomeadamente os das últimas décadas, a todas as dúvidas permanentes em relação á verdade. Proximidade face à inteligibilidade científica, admiração pela ciência enquanto lugar onde a verdade é buscada de forma persistente. Cito de novo *Acentos*: “quando, em nome do “sociologismo que inquina os chamados *Science Studies* (...) se apontam as hesitações, os erros, as correcções a que as ciências estão continuamente obrigadas, as controvérsias, as fraudes, todos os factores sociológicos que as entavam, esquece-se que o extraordinário, aquilo que é difícil de explicar, é ter podido haver um só êxito. E o projecto científico nascido no século XVII tem no seu activo mais do que um êxito!”(pp. 32-33). Na raiz deste respeito pela verdade está uma tese leibniziana muito forte: a tese da afinidade entre as coisas e os nossos modos de as pensar. Tese pré-kantiana, diríamos, mas que Fernando Gil descobre estar ainda presente em Kant e que, em grande parte, orienta o seu trabalho em fenomenologia. Entramos assim na terceira determinação.

Harmonia como princípio de constituição. Não apenas o horror ao arbitrário em todas as suas formas, ao arbitrário dos signos, dos nomes, das disciplinas, mas também ao arbitrário das lógicas, das classificações, dos princípios idealmente puros em que a inteligibilidade científica se funda. Como Fernando Gil escreve, sempre em *Acentos*, “a defesa de um quadro de racionalidade recobre algo de bem mais profundo do que a simples fidelidade conservadora a um paradigma em crise (p. 35). Não apenas o horror ao arbitrário, dizia, mas a defesa desse “milagre original” (*Acentos*, p. 166) que se dá a ver na ordem das coisas, na entre-expressão universal, na unidade infinitamente variada das coisas e dos nossos pontos de vista sobre elas. Afinidade entre as palavras e as coisas mas também entre as coisas e o entendimento que as percebe, co-adaptação entre o sujeito e o Mundo, co-naturalidade entre o conhecimento e os seus objectos.

⁴ Referimo-nos ao prefácio *Marii Nizolii de veris principiis et vera rationi philosophandi contra pseudo philosophos*, dita *Dissertatio de Stylo philosophico Nizolii* (GP 4: 129-176) que Leibniz escreve para a obra do humanista italiano Marius Nizolius por si editada em 1670.

O meu primeiro livro sobre o projecto leibniziano de uma *Characteristica Universalis* tinha por base, quer um comparável respeito pela verdade e pelas condições simbólicas da sua possibilidade, quer um similar encantamento por aquela afinidade. Aí procurava pensar o projecto leibniziano de constituição de uma língua universal, não tanto na sua dimensão comunicativa, mas na fidelidade à inspiração leibniziana, isto é, enquanto via privilegiada para o conhecimento do mundo. Contra Descartes para quem a linguagem é um mero instrumento de comunicação, Leibniz defende o seu carácter constitutivo e, na esteira de Ramon Lull, a sua capacidade heurística. A *Characteristica Universalis* por ele insistentemente perseguida é assim, não um esperanto filosófico, mas uma forma de expressão fiel do pensamento e das suas articulações, um *organon* ao serviço do progresso do conhecimento, um veículo de descoberta e de invenção. E isto porque – foi essa a tese que procurei defender – a *Characteristica Universalis* deveria estar fundada num sistema de signos dotados de algum efectivo (ainda que difícil e precário) isomorfismo com a realidade significada.

2. Em segundo lugar, **um interesse comum pela escola**. Refiro-me em especial aos trabalhos que Fernando Gil desenvolveu em torno da Enciclopédia *Einaudi* e que, posteriormente, foram integrados no capítulo sobre “O Conhecer” em *Mimésis e Negação*. A passagem que explica a indiscutível importância que Fernando Gil atribuiu à escola é, segundo creio, a seguinte: se há conformidade entre o pensamento e a linguagem, se a linguagem é o *medium* constitutivo do conhecimento e o veículo próprio da invenção, então cada tipo de conhecimento está sempre articulado a uma prática linguística determinada. Ao conhecimento oral da tradição opõe-se, a partir dos gregos, uma prática de escrita tendencialmente neutra, anónima, objectiva, ordenada por princípios de descontextualização, universalidade e explicitação, uma escrita que, como diz Fernando Gil, pode prefigurar a constituição de uma “ciência das coisas contra uma hermenêutica das dicções” (*Mimésis e Negação*, p. 366).

Ciência cujo destino, desde a sua origem, se confunde com a escola. Não há ciência sem escola. Fernando Gil reconhece-o explicitamente. Por exemplo: “o ensino é constitutivo da ciência” (*Mimésis e Negação*, p. 373), ou “o ensinar e o ensinável pertencem de pleno direito à problemática do conhecer” (*Mimésis e Negação*, p. 349), ou ainda “o ensino está no centro da empresa científica, não se lhe acrescenta do exterior” (*Mimésis e Negação*, p. 437). Claro está que esta tese – cuja defesa inteiramente assumi – supõe que a escola seja circunscrita ao seu essencial propósito cognitivo e, portanto, esvaziada das finalidades educativas que, cada vez

mais, lhe vêm sendo atribuídas. O que, por sua vez, implica o estabelecimento de uma distinção clara – que tem constituído outro dos meus cavalos de batalha – entre ensino e educação, o primeiro, tarefa eminentemente cognitiva, o segundo, da ordem da formação das condutas.⁵

A articulação entre ciência e escola pode ser perspectivada de forma dupla. Por um lado, que poderia a escola ensinar senão conhecimentos dispostos em conjuntos disciplinares sistemáticos, tendencialmente unívocos dotados de alguma estabilidade? E, em sentido inverso, como escapar ao reconhecimento de que a escola é um lugar necessário ao processo de produção do conhecimento científico, de que “o ensino é uma condição prévia do saber” (*Mimésis e Negação*, p. 349)? Numa nota de rodapé, Fernando Gil mesmo a colocar esta questão da forma exacta em que ela mais me veio posteriormente a interessar - “até que ponto se produz um efeito de ricochete da transmissão sobre a constituição da ciência”, até que ponto a elaboração do conhecimento é, ela mesma, “afectada pela transmissão e pelas suas constringências”? (*Mimésis e Negação*, p. 350, nota 120). Foi justamente esta questão, reformulada com porventura maior radicalidade – até que ponto é o aparecimento do ensino que torna possível a constituição do conhecimento científico, nomeadamente a sua progressividade e cumulatividade – que, na esteira de Fernando Gil, persegui em boa parte do meu trabalho filosófico.⁶

Esta aproximação entre ciência e escola tem três raízes em Fernando Gil e está articulada com outras tantas áreas específicas de investigação por ele perseguidas. O interesse pelas **disciplinas** enquanto pontos de articulação entre a investigação e a aprendizagem, entre a produção e a transmissão do conhecimento, dispositivos com efeitos cognitivos e valor heurístico que, não apenas ordenam o saber adquirido mas decisivamente contribuem para a sua produção. È o tema da *disciplina mentis*, do *habitus* e da Gnostologia, desde Ramus a Alsted, Nollius, Meier ou Comenius, longamente trabalhado por Fernando Gil (cf. *Mimésis e Negação*, p. 392 e segs.). O interesse pelos **curricula**, formas institucionalizadas de organização disciplinar que, elas também, espelham as estruturas da cognição. Nesse sentido, como Fernando Gil escreve num texto que está publicado em *Acentos* e que foi apresentado num colóquio que organizei

⁵ Trabalhei essa distinção, sobretudo em *Quatro Textos Excêntricos*. Hannah Arendt, Eric Weil, Bertrand Russell e Ortega Y Gasset, selecção, tradução e prefácio, Lisboa: Relógio d'Água, 2000, 105 pp. e “O Insuportável Brilho da Escola”, in Alain Renaut et alii, *Direitos e Responsabilidades na Sociedade Educativa*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, pp. 31-59.

⁶ Nomeadamente, num conjunto de estudos que posteriormente reuni no livro *A Escola, a Recta e o Círculo*, Lisboa: Relógio d'Água, 2002, 316 pp.

em 1999⁷, a universidade medieval, ao produzir o modelo curricular do *trivium* e do *quadrivium* a partir do qual se desenvolveram tanto as ciências como as humanidades, “parece ter elaborado a boa solução de uma vez para sempre” (*Acentos*, p. 221). Daí que a universidade, “instituição que a História da Europa modelou para produzir conhecimento” (*Acentos*, p. 233), não esteja preparada para exercer as novas funções que lhe estão a ser atribuídas desde meados do século XX. Ao ser-lhe exigido que se transforme numa “agência fornecedora de serviços” (*Acentos*, p. 225) ela está a “desvirtuar a única função” (*Acentos*, p. 227) para que está, desde a origem, naturalmente preparada – o conhecimento⁸. Finalmente, o seu interesse pela identificação aristotélica entre **ciência e ensinabilidade**. Se a segunda é a pedra de toque da primeira, se a demonstração é o procedimento próprio do ensino, se a Matemática é o grande modelo de inteligibilidade disciplinar, então é o projecto barroco da *Mathesis Universalis* enquanto propósito de constituição de uma ciência geral que toma a matemática como modelo e centro de todas as invenções e descobertas, que deve ser pensado com atenção (cf. *Mimésis e Negação*, p. 418 e segs).

3. Em terceiro lugar, o interesse de F. Gil pelo currículo, pelas disciplinas, pela *mathesis* – com o qual o meu trabalho em filosofia também se cruzou⁹ – está obviamente ligado ao seu (e meu) **interesse pela enciclopédia**.

Disciplina das disciplinas, arranjo coerente do conjunto do saber, mapa heurístico das diferenças e das suas virtualidades combinatórias, a enciclopédia é, ontem como hoje, não a inventariação do saber já constituído, mas o estabelecimento de ligações, nós, *links* entre os múltiplos saberes particulares com vista ao desenvolvimento articulado de um saber em constituição. Lugar pois de tensão entre a multiplicidade (cada vez mais explosiva) dos conhecimentos fragmentados e a unidade (cada vez mais precária mas nem por isso menos urgente) de uma ciência geral unificada.

⁷ Refiro-me ao texto “Universidade e Conhecimento”, apresentado no colóquio “A Universidade de Lisboa: da Ideia de Universidade às Práticas Institucionais” que teve lugar na Reitoria da Universidade de Lisboa em 29 e 30 de Novembro de 1999

⁸ Não podíamos estar mais de acordo. Cf. o nosso estudo, “Universidade. Regresso ao Futuro de uma Ideia, in *A Escola, a Recta e o Círculo*, Lisboa: Relógio d’Água, 2002, pp. 291-313, (versão *online* em <<http://cie.fc.ul.pt/seminarioscie/universidade/opombo.htm>>).

⁹ Sobre o tema das disciplinas e das suas articulações, *Interdisciplinaridade. Ambições e Limites*; Lisboa: Relógio d’Água, 2004, 203 pp. Para a questão da *Mathesis*, veja-se *Leibniz and the Problem of a Universal Language*, Münster: Nodus Publikationen, 1987 (versão portuguesa em 1997 *Leibniz e o Problema de uma Língua Universal*, Lisboa: JNICT) e ainda *Unidade da Ciência. Programas, Figuras e Metáforas*, Lisboa: Duarte Reis, 2006, pp. 56 e segs.

Trata-se de um tema maior da actividade filosófica de Fernando Gil. Actividade, não apenas teórica mas prática e organizativa, como se sabe¹⁰. A sua formidável capacidade para pensar o presente com base numa profunda habilidade para visitar o passado a isso o conduziam. De facto, como Fernando Gil bem compreendeu, qualquer análise da situação actual do conhecimento tem que ter em conta a **ideia de enciclopédia** enquanto forma de resposta – ou, ao menos, de resistência – face ao fenómeno da explosão disciplinar. Fernando Gil não hesita em classificar esse fenómeno como a maior tragédia do nosso tempo. Como escreve no *Post-Scriptum* ao volume final da *Enciclopédia Einaudi*, texto posteriormente publicado em língua portuguesa com o título *Cruzamentos da Enciclopédia*: “a cisão das duas culturas que, como já se disse, se prolongou no interior de cada uma delas, primeiro nas ciências e hoje nas próprias disciplinas ‘humanistas’, constitui a tragédia maior do nosso tempo.”¹¹

Em *Mimésis e Negação*, como não poderia deixar de ser, Fernando Gil ocupa-se da análise da situação actual da ciência moderna. Situação marcada por uma ambiguidade fundamental: a par de uma expansão exponencial do saber, de uma multiplicação vertiginosa de disciplinas, sub-disciplinas e especialidades, da criação permanente de ciências nas fronteiras ou na confluência de outras, assistimos a um movimento inverso de “uniformização de linguagens e de reunião de teorias que deixam de ser locais para se alargarem a várias disciplinas” (*Mimésis e Negação*, p. 434). Como Fernando Gil reconhece, face a esta situação, têm sido perseguidas duas soluções inversas. A mais fácil, mas também a mais ruínosa, consiste no reforço alegre da especialização. Fernando Gil é muito claro: “a inteligibilidade disciplinar – a *dilaceratio scientiarum* que a *pansofia* de Comenius queria remediar – não é apenas parcial e limitada: é intrinsecamente errada” (*Mimésis e Negação*, pp. 435-436). Porquê? Porque esta solução “ignora a afinidade (como diziam Leibniz e Kant) dos fenómenos, a concatenação de tudo para que cada coisa seja” (*ibid*). A solução alternativa, muito mais difícil mas também muito melhor fundada, passa pela procura de modelos interdisciplinares, isto é, pela tentativa de construção de uma inteligibilidade que curto-circuite a lógica da especialização. É o caso da “Teoria dos Sistemas” de Bertalanfy e Delattre, ou da “Teoria das Catástrofes” de René Thom. Esforços

¹⁰ Refiro-me ao trabalho que Fernando Gil desempenhou no programa de transformação da enciclopédia numa configuração integradora, interdisciplinar e heurística, aberta aos novos objectos de estudo, seus cruzamentos e irradiações, que se desencadeia na Europa nos anos 60 e 70, nomeadamente em torno da *Enciclopedia Universalis* e da *Enciclopédia Einaudi* de cuja versão portuguesa, iniciada em 1983 pela INCM, Fernando Gil foi coordenador.

¹¹ F. Gil., “Cruzamentos da Enciclopédia”, in *Prelo: Revista da Imprensa Nacional Casa da Moeda* (1986, p. 35).

admiráveis é de certo, “herdeiros da ideia de ciência universal” (*Mimésis e Negação*, pp. 435) cujo sentido interpretam e ajudam a explicitar, mas que, pelo movimento mesmo dos formalismos a que dão origem, não conseguem ultrapassar o nível de uma “compreensão esquemática e abstracta” (*ibid*) passando ao lado das dificuldades, dos problemas concretos, das rugosidades específicas de cada disciplina.

4. O acentrado. Pela minha parte – e para lá da atenção detalhada que dediquei ao problema da interdisciplinaridade, tanto às formas concretas da sua emergência e institucionalização, como às suas teorizações e implicações epistemológicas¹² – houve uma fase da minha investigação em que procurei activamente compreender os contornos do que poderia ser **uma terceira via**. Perante a ambiguidade das soluções referidas – o reforço da especialização e a procura inversa de formalismos interdisciplinares – essa terceira via passava, a meu ver, pelo retomar da enciclopédia enquanto modelo descentrado de articulação múltipla de saberes. A minha hipótese era a seguinte: entre os custos imensos da fragmentação disciplinar e as dificuldades dos programas fortes da unidade das ciências, havia ainda a solução de uma unidade plural, não hierárquica, aberta, combinatória, descentrada de si própria. Essa solução – reconheço-o hoje – estava assinalada em *Mimésis e Negação*. Fernando Gil escrevia então: “quererá isto dizer que estamos num impasse?” (entre a dispersão das disciplinas e construção de modelos transdisciplinares). E, com aquele misto de ironia cultivada pelas lições do passado e curiosidade face ao milagre do novo que tanto o caracterizava, perguntava ainda: “Dever-se-á substituir a dialéctica uno-múltiplo pela consagração do ‘acentrado’” (*Mimésis e Negação*, p. 348).

Esta breve referencia a uma terceira alternativa fundada sobre a exploração das virtudes do “acentrado” – referência que eu antes não havia encontrado, mas que estava lá, e da qual, agora, retrospectivamente, me

¹² O meu interesse sobre esta temática data do trabalho que desenvolvi no âmbito do Projecto *Mathesis*, Fundação Gulbenkian / Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa (1989-1995) e que deu origem à publicação, em co-autoria com Teresa Levy e Henrique Guimarães de *A Interdisciplinaridade: Reflexão e Experiência*, Lisboa: ed. Texto, 1993, e “*A Interdisciplinaridade como Problema Epistemológico e Exigência Curricular*”, *Revista Inovação*, vol. 6, nº 2 (1993), pp. 173-180. Esse interesse tem-se prolongado com *Interdisciplinaridade. Ambições e Limites*; Lisboa: Relógio d’Água, 2004, 203 pp.; *Epistemologia da Interdisciplinaridade*, in Carlos Pimenta (coord.), *Interdisciplinaridade, Humanismo Universidade*, Porto: Campo das Letras, 2004, pp. 93-124, “Interdisciplinaridade e Integração dos saberes”, in *LIINC. Laboratório Interdisciplinar sobre Informação e Conhecimento*, Vol.1, nº.0, Março (2005), p. 4-16 e “*Práticas Interdisciplinares*”, in *Sociologias, Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2006), VIII, nº 15, pp. 208-249.

apercebo como mais um sinal do “efeito à distancia” que Fernando Gil sempre exerceu sobre esta sua aluna – corresponde ao trabalho que desenvolvi num projecto intitulado “**Enciclopédia e Hipertexto**”. O projecto foi por mim apresentado à FCT e recebeu, pela mão de Fernando Gil, a avaliação de “Excelente”¹³. Curiosamente, num posterior encontro casual, Fernando Gil fez questão de me dizer que tinha ficado entusiasmado (“exaltado” foi – recordo-o bem – a expressão que usou) com esse projecto. Compreendo bem agora de que forma as palavras que então me dirigiu eram tudo menos um gesto de simpatia ou mera cordialidade.

No âmbito desse projecto realizei um estudo alargado e minucioso do projecto enciclopedista, das suas determinações essenciais, da sua história passada e dos seus mais recentes desenvolvimentos, nomeadamente, no que diz respeito à sua ágil adaptação electrónica e à sua vertiginosa potenciação hipertextual¹⁴. Eu procurava, com esse projecto, em desespero de causa, salvar a ideia de articulação para lá da consciencia amargurada de todos os perigos da fragmentação e de todos os riscos de um formalismo seco e abstracto. Mas, para isso, via-me obrigada a aceitar a retórica da deriva, o delírio da errância, a perdição do “acentrado”. A este propósito, não posso deixar de citar uma deliciosa passagem, mais uma vez de *Acentos*, em que Fernando Gil, em entrevista a António Guerreiro, responde: “Se se refere ao ‘logocentrismo’, devo dizer-lhe que não concebo o que possa ser uma filosofia que dispense o *logos* ao centro, o próprio acentrado se ordena a um centro ausente e o ‘rizomático’ é um policentramento” (p. 63).

5. Uma 4ª via. Posteriormente, o meu trabalho em filosofia tem sido em grande medida orientado para a **procura de uma 4ª via**. Esta, finalmente, não pensada por Fernando Gil. Um ideia inteiramente minha, sua aluna enfim emancipada !

Entre a inteligibilidade disciplinar intrinsecamente errada (1ª via), o programa interdisciplinar condenado a viver entre a superficialidade frívola e a compreensão esquemática (2ª via), e para lá das promessas, por enquanto por cumprir, das virtudes da deriva e do acentrado (3ª via), a minha investigação operou um recuo tático: ela tem-se orientado para o

¹³ O projecto deu origem ao volume supracitado em co-edição com A. Guerreiro e A. Franco Alexandre, *Enciclopédia e Hipertexto*, Lisboa: Editora Duarte Reis, 2006, 556 pp

¹⁴ Nomeadamente em “O Projecto Enciclopedista”, “Para uma História da Ideia de Enciclopédia”, e “O Hipertexto como Limite da Ideia de Enciclopédia”, in O. Pombo, A. Guerreiro e A. Franco Alexandre, *Enciclopédia e Hipertexto*, Lisboa: Edições Duarte Reis, 2006, pp. 180-193, 194-251 e 266-301, respectivamente.

re-equacionamento do projecto leibniziano de uma *Scientia Universalis*. Nesse sentido, tenho procurado pensar a unidade da ciência, não apenas enquanto ideia reguladora, mas também enquanto conjunto de formas materiais, configurações institucionais, incorporações culturais que encarnam a coerência sistemática dos conhecimentos. Comunidade dos sábios, escola, biblioteca, museu, enciclopédia, constituem a meu ver outras tantas figuras da unidade da ciência. Elas realizam-na dia a dia, por vezes de forma subterrânea, oculta, latente, outras majestosa, imponente, monumental, sempre através de praticas concretas, de procedimentos estruturados, silenciosos mas persistentes¹⁵. De tal forma que, cada passo na produção de um novo conhecimento, está sempre já preparado por estas configurações e inscrito na sua relação articulada. Elas constituíram-se assim aos meus olhos como condição de possibilidade da produção científica, espécie de “transcendental empírico”, simultaneamente material e universal, factual e necessário.

Compreendem de que forma, ao reler com cuidadosa atenção, esses últimos “Acentos” com que Fernando Gil se quis despedir de todos nós, e que eu havia escolhido para me acompanhar na elaboração deste testemunho, compreendem o espanto que senti quando, na página 69 encontrei a referência a um “transcendental impuro” enquanto destino, das “filosofias que *ficam*”. Devo dizer-vos que fiquei maravilhada e perplexa. Por um lado, por assim ser forçada a reconhecer a não originalidade do meu conceito¹⁶. Simultaneamente, por desse modo ser invadida pela tranquilidade da condição, assim reencontrada, de sua aluna – que, como então descobri – afinal, ainda sou.

Agora que “o professor” já cá não está, que “a aula” definitivamente acabou, fica por saber o que é que nós – seus alunos – poderemos fazer.

¹⁵ À análise detalhada dessas figuras, da sua convergência face ao comum objecto visado, das suas proximidades e articulações, se dedica a 2ª parte do meu livro *Unidade das Ciências. Programas, Figuras e Metáforas*, Lisboa: Edições Duarte Reis, 2006, pp. 130-286. O mesmo tema é retomado num estudo intitulado “Unity of Science. From the Idea to the Configurations”, a publicar in O. Pombo; S. Rahman; J.M. Torres; J. Symon (erds), *The Unity of Science: Essays in Honor of O. Neurath*, Springer (in press).

¹⁶ Em boa verdade, eu tinha ido buscar o conceito, se bem que não a sua designação, a Michel Foucault que, no prefácio a *Les Mots et les Choses*, define o trabalho de análise que nessa obra tem lugar como a indagação pelo “a priori histórico” em que teria sido possível constituírem-se as ciências (tradução port. de Antonio Ramos Rosa, Lisboa: Portugália, s/d, p. 10).

Esquadrinhar ao infinito o que ele poderia ter dito (como os aristotélicos), repetir, parafrasear, nada acrescentar ao que deixou escrito (como os epicuristas), construir um discurso próprio apoiando-nos na autoridade do professor (como os socráticos), ou aceitar o desafio que ele nos lançou e tentar novas formulações para questões muito antigas.

Comigo fica a convicção de que há uma afinidade original entre a linguagem e o mundo e que essa afinidade está lá para garantir o bem fundado da aventura.